

A razão maior da vida é a morte,  
este golpe que sofremos, sem saída...  
Todos temos nosso ponto de partida  
e alguém que nesse dia nos transporte.

Nesta nossa derradeira *sorte*  
o corpo, que transportava a centelha id,  
corruptivamente inerte em sua jazida,  
necropsiado, teve o seu derradeiro corte...

Se tem berço, reservam-lhe um jazigo.  
Se não tem, resta-lhe a vala comum;  
não importa qual o tipo de abrigo.

Está morto, não tem mais valor algum  
e nesta vida, que não é nenhum castigo,  
ninguém fica p'ra semente, vamos indo um a um...

Gilberto Bittencourt, Uma Reflexão, em  
Mosaico, Coletânea 1997

Os pensamentos expus  
numa lira de amarguras  
e deixei meus sonhos nus  
diante das criaturas.

Em cada palavra eu pus  
tristezas e desventuras,  
minh'alma botei na cruz  
num misto de mil agruras.

Em pura dramaturgia  
desnudei minha poesia  
expressando o meu sofrer.

Hoje, queria, talvez,  
apagar tanta nudez  
e outros versos escrever.

Yolanda Queiroga de Assis,  
Sonhos Nus; de Poemas – Disfarces  
do Destino, 1998

Senhor repórter, escuta,  
algo que tenho a dizer.  
Não repara a minha luta  
nessa lira sem prazer.

Faço versos sem disputa  
pandos de ansia e padecer.  
Nessa vida insana e bruta  
nada vai me enaltecer.

Existe em minha poesia  
carência e melancolia  
ou doença sem remédio.

Escuta, senhor repórter,  
os meus versos podem ter  
o soluço do meu tédio.

Yolanda Queiroga de Assis,  
Doença sem Remédio; de  
Poemas – Disfarces do Destino, 1998

Um cão ladrou  
na noite obscura  
tremores frios  
de inanição  
a mulher magra  
esperou cansada  
que a carne exausta  
fosse chamariz  
poucos sexos jovens  
se investigaram  
muitos não conseguiram  
fugir à frustração  
alguns descansaram  
outros se diluíram  
o caixote de lixo  
esperou esperou  
depois rompeu  
a madrugada.

Bandeira Tribuzi (José Tribuzi  
Pinheiro Gomes, 1927-1977),  
Poema; em Os Cem Poetas Bra...

Alcanço sempre uma graça,  
das graças de querer bem,  
quando contemplo de graça,  
toda graça que ela tem!

Ubiratan Queiroz, em  
O Pitiguari 0203

Eu não quero despertar  
desse sonho tão ufano,  
preciso sonhar, sonhar  
com um mundo mais humano.

Yolanda Queiroga de Assis, de  
Palco do Meu Eu, 1998

Seu amanhã é invencível  
e a sorte não fugirá:  
você faz o que é possível,  
o impossível, Deus fará.

Djalda Winter Santos, em  
Trovalegre 0205

"Ela voltará, descansa",  
a esperança me dizia...  
e eu não via que a esperança  
por piedade me mentia...

José Maria Machado de Araújo, em  
BI UBT 0205

Tanta falta de capricho!  
Outra vez está de porre?  
– Fui ao bar matar o bicho...  
mas o danado não morre!!!

Adeleir Machado, em  
Sem Limites 0204

Minha mãe sempre dizia,  
e por ninguém mais foi dito:  
– Meu filho é minha alegria...  
e também o mais bonito...!

Walter Rossi, em  
Fanal 0205

"Campanas de Bastavales  
cando vos oyo tocar,  
mórrome de soidades."

"...que cante e que cante  
na lengua que eu falo."

"Cantéi como mal sabia  
dándolle reviravoltas,  
cal fan aqués que non saben  
direitamente unha cousa."

"Mais ó que ben quixo un día,  
si a querer ten afición,  
sempe lle queda unha mágoa  
dentro do seu corasón."

"Eu ben sei destes secretos  
que se esconden nas entrañas,  
que rebolen sempre inquietos  
baixo mil formas estrañas."

Eu ben sei destes tormentos  
que consomen e devoran,  
dos que fan xemer os ventos,  
dos que morden cando choran."

"Cantan os galos pra o día:  
érguete, meu ben, e vaite.  
¿Cómo me hei de ir, queridaña;  
cómo me hei de ir e deixarte?  
Deses teus ollinhos negros  
como doas relumbrantes,  
hastra as nosas maus unidas  
as bágoas ardentes caen.  
¿Cómo me hei de ir si te quero?  
¿Cómo me hei de ir e deixarte,  
si ca lengua me desbotas  
e co corasón me atraes?"

"San Antonio bendito,  
dádeme un home,  
anque me mate,  
anque me esfole.

Meu santo San Antonio,  
daime un homiño,  
anque o tamaño teña  
dun gran de milllo.

Daimo, meu santo,  
anque os pes teña coxos,  
mancos os brazos."

"Unha vez tiven un cravo  
cravado no corazón,  
i eu non me acordo xa  
si era aquel cravo  
de ouro, de ferro ou de amor."

Rosalía de Castro de *Murguía*  
(21.02.1837 – 15.07.1885), em *Historia da Literatu-  
ra Espanhola e Hispanoamericana*, Volume VI,  
Ediciones Orgaz, Madrid, 1980.

O pássaro sem vôo, solto na sala,  
ficou sendo um brinquedo de criança  
que lhe importa a manhã?

Por que saudá-la,  
se a cantiga desperta a mão que o alcança?  
De que lhe vale o canto? O canto é apenas  
alegria de estranhos

não é tudo.  
O canto é inútil como são as penas.  
O pássaro sem vôo, cantando, é mudo.

José Chagas, *O Pássaro sem Vôo*; em *Os Cem  
Melhores Poetas Brasileiros do Século*, 2001

Não te peço, Deus amigo,  
igual multiplicação:  
basta o milagre do trigo,  
que a gente o transforma em pão!

Arlindo Tadeu Hagen

No casebre empobrecido,  
nosso amor é tão verdade  
que o resto de pão dormido  
acorda a felicidade...

Edmar Japiassú Maia

Não sintas tanta amargura  
por não dar quanto te apraz.  
Se tu és pobre, é fartura  
o pão que aos outros tu dás!

Elisa da Conceição Silva Maçanita

Quanto mais a idade aumenta  
e a ilusão se distancia,  
a gente mais se alimenta  
do pão da sabedoria...

Ercy Maria Marques de Faria

Do vinho, ao erguer a taça,  
para saudar-te, meu bem,  
eu sinto o sabor da graça  
que as coisas da vida têm!

Harley Clóvis Stocchero

No calor da mocidade  
há banquetes de carinhos...  
depois, o pão da saudade  
mata a fome dos sozinhos!

Héron Patricio

Se é triste a falta do vinho  
num brinde à felicidade,  
pior é beber sozinho  
para espantar a saudade!

Istela Maria Gotelipe Lima

Festejando com carinho  
o antes, o agora e o depois,  
há duas taças de vinho  
com dígitas de nós dois!

Istela Maria Gotelipe Lima

III Jogos Florais

Sem vinho para brindar,  
e a madrugada tão fria...  
sorrindo pra não chorar,  
brindei com taça vazia!

Janete de Azevedo Guerra

Quando tomo vinho tinto,  
ou branco ou mesmo o rosê,  
escapo do labirinto  
onde vivo sem você.

José Bidóia

Dois taças, queijo, pão,  
um bom vinho e uma lareira,  
nos prometem, de antemão,  
uma festa... a noite inteira!

Lucília Alzira Trindade Decarli

Vivo em doce remoinho,  
de versos embriagada...  
fiz da poesia meu vinho:  
só bebo rimas, mais nada!

Maria Helena Oliveira Costa

Na caneca... o *bom verdinho*...  
caldo verde sobre a mesa...  
pão à farta e o meu ranchinho  
é... *uma casa portuguesa!*

Maria Madalena Ferreira

Se amo tanto o meu barzinho,  
eu peço, amigos, escusas:  
a inspiração é o meu vinho  
e as mulheres minhas musas!

Oswaldo Reis

Peço a Deus não ser mesquinho  
e que o pão que saboreio  
jamais o coma sozinho  
se puder parti-lo ao meio.

Sérgio Bernardo

As tuas mãos delicadas  
me fazem tanto carinho,  
que podem ser comparadas  
à embriaguês do bom vinho.

Wanda Rossi de Carvalho

Maringá, PR – 0205

Ordenada, em procissão,  
lentamente pela estrada,  
embalada por refrão,  
vai passando uma boiada...

De repente a extremção,  
de repente uma parada:  
– eis na tropa a confusão!  
– eis o estouro da boiada!

Sem qualquer explicação,  
pois pedes não viram nada,  
dorsos, chifres, confusão,  
fica a tropa embaralhada  
do rebanho disparado  
– pela araquã que passou?  
pelo mocó apressado? –  
rês nenhuma lhe restou.

Uma rês que se espantou  
o alvoroço transmitiu,  
a boiada se arrancou,  
num trovão ela sumiu...

Casas, pousos, destruídos  
pelas reses na corrida;  
roças, campos, revolvidos  
na arribada espavorida.

Muito atrás, não vendo nada,  
cortando vales e valos,  
opressos, em disparada,  
vão vaqueiros nos cavalos.

De tanto correr, cansadas,  
as reses, então, pararam.  
Por campeiros alcançadas  
aos atalhos retornaram.

E fíndando a confusão,  
novamente organizada,  
embalada por refrão,  
vai passando uma boiada...

Jorge Picanço Siqueira,  
O Estouro da Boiada; em  
Mosaico, Coletânea 1997

Camões, tão pobre o poeta...  
nem caixão na sepultura!

Com versos de ouro projeta  
da pátria toda bravura.  
Aparecida Mariano de Barros

Meu coração viajero  
procurando itinerário,  
faz turismo o tempo inteiro,  
no Mundo do Imaginário.

Edith Marlene de Barros

Tem-se, do homem, a medida,  
de uma maneira eficaz:  
não por seu prazo de vida,  
mas pelo bem que ele faz.

Roberto Francisco

De carícias tão carente,  
por teus afagos escassos,  
o meu corpo é indigente,  
suplicando alguns abraços.

Santos Teodósio  
Revista Argila 5, 0011;  
E-Mail: aprpr@compuland.com.br

Aquele homem sem idade  
sem tristeza, sem alegria  
andando sem rumo, sem pressa  
absorto  
apático  
a esmo  
sendo lhe perguntado, falou:

Não, não sei...  
não me lembro mais...  
do tempo, da época, do mês  
em que floresciam  
e, certamente, ainda florescem,  
de amarelo, florescem,  
os tenros caules longos, lisos, das giestas...

apenas, de uma tarde amena...  
há muitos anos...  
de uma tarde calma, azul,  
amena...  
naquela praça, vagarosamente,  
pelo jardim da praça,  
pelas alamedas do jardim da praça...  
entre uma centenária matriz  
e um chafariz antigo,  
enquanto era esperada a hora da novena...  
com um discreto sorriso ela falava  
naquela tarde calma e amena  
de coisas leves, suaves, brandas,  
sugerindo lembranças de... já não me lembro...  
música terna, meiga, difusa  
impregnava a paisagem  
o ambiente  
o céu, a terra, a alma.

Ela falava...  
entre outras coisas disse:  
– Olha, olha as giestas  
como estão floridas!  
a cidade era, então, uma festa de flores...  
o vento vinha manso  
dos campos de Barbacena  
acariciando as flores  
brincando com os cabelos dela...

Celso Furtado de Mendonça, *Quando Florescem as Giestas; de  
Os Equivocados & Outros Poemas*, 1988

Nossos lábios II Há lembranças tuas  
se encontram em cada lugar,  
no crepúsculo, em tudo o que pego.  
Teu seio palpita. Sinto o teu perfume,  
Afago teus cabelos, vejo o teu vulto  
trocamos e corro a te abraçar,  
palavras de amor. e a fugaz imagem  
se desfaz.  
És linda e eu te quero. Procuro-te no leito  
e só encontro o vazio.  
Nem vemos a noite chegar. Mas estás ali,  
com suas estrelas. sinto-te ali,  
Só vivemos o nosso beijo. com todas as veras  
o nosso beijo. de minha alma.

VIII É o amor  
que mais sinto que te faz presente  
a tua presença. para mim.

Fernando Ribeiro da Cruz, *de Salmos de Amor*, 2000 *livrosurba-  
nos@hotmail.com*

TEMAS DA SAZÃO



(QUIDAI)S INVERNO

no pau-de-sebo, deslizam... em busca dos prêmios. Alison Cardoso de Oliveira	Ao topo do pau-de-sebo prêmios ao garoto. Franciela Silva	entristece o lindo dia. Indígena chora. Maria App. Picanço Goulart
Belo casamento numa quadralha da roça. É festa junina...	No salão, solta, a quadralha me leva a infância...	Toca de coruja nos barrancos da estrada. Perigo à vista.
Alda Corrêa M. Moreira	Guim Ga	Nadvy Leme Ganzert
Na aridez do campo, uma figura franzina – árvore desnuda! Antônio Seixas	Na panela da vóvo pipocando pipocas frias. Salve as crianças. Helvecio Durso	Na Copa da França sobrando pipocas frias. Lágrimas ardentes. Olga Amorim
Pedacão da Bahia enorme quintal, casa pequena. Mandioca branca.	No engraxado afã de vencer o pau-de-sebo... um bicho preguiça!	Saíra de morango enfeita extensa planície. Bela paisagem!
Carlos Roque B. de Jesus	Hermoclydes S. Franco	Olga dos Santos Bussade
Agulha na mão. Só é um bicho-de-pé no fio de algodão.	Melado de cana e macaxeira cozida: menino se lambe!	Brisa espargindo no Dia do Pescador, perfume de risos.
Dercy de Freitas T	Héron Patricio	Regina Célia de Andrade
Menino manhoso tira a acelga do seu prato. A mãe não concorda...	O gol do vaqueiro inflama a vaquejada.	Estralos... Fagulhas... Gene à sanfona... Alegria... É festa junina.
Djalda Winter Santos	João Elias dos Santos	Roberto Resende Vilela
Peão rodopiá sobre rebelde cavalo: vence a vaquejada!	As flores de brócolis, estendidas pelo chão à sombra de couves.	A quente algema sobe aos céus em vivas cores na festa junina...
Edel Costa	José N. Reis	Sandra Parana
Olhando a fogueira eu fico tão deslumbrado! Lembranças acesas...	Encontro na praça no Dia dos Namorados. Entre beijos... pétalas!	Frete fria à vista. Desligo a TV; resmungo. Detesto casaco.
Ercy M. M. de Faria	Leonilda Hilgenberg Justus	Sergio de Jesus Luizato
Um toque de mestre sorvete na taça enfeitada... – Morango silvestre.	Dia dos Namorados. Ensiando seus futuros brinde e amor são dados.	Brisa fresca. Nuvens. O espírito infantil alerta que vem frente fria.
Fernando L. A. Soares	Luis Koshihiro Tokutake	Sérgio Bernardo
Milho de pipoca, chia a manteiga no fogo... Voam fantasminhas	Vê da fenda de sua tenda: olhos de corujal!	A prata sem sol ensaia ser outro lugar.
Fernando Vasconcelos	M. U. Moncam	Sérgio Serra

SELEÇÕES MENSAIS  
FAÇA (CORAGEM) E ENVIE ATÉ TRÊS HAICUS  
Remeter até 30.06.02, quigos à escola:  
Dia da Cruz Vermelha, Pamonha, Papagaio.

Remeter até 30.07.02, quigos à escola:  
Dia de Santo Antônio, Figo, Louva-a-deus.

Cada haicu deve ser como um instantâneo diante do quigo (palavra da sação). Evitar ao máximo pois, todo o texto impossível de ser revelado numa fotografia.

Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

- Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP
1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.
  2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
  3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
  4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

**TREVO À OCIDENTAL** \* – TREVO PERSONAGEM\*  
Lelé Amaral (José Carlos do Amaral), em O Beijo – Antologias, 1998:  
Câmélia em flor,  
na casa onde eu morava!  
lembro, eu a regava!...  
Luis Koshihiro Tokutake  
Na Escola do Amor  
do Dia dos Namorados  
só números pares.  
João Elias dos Santos

HAICUS EM FOLHA



brincando com taturana – grito doloroso! Humberto Del Maestro	Ancião olha encantada! Cocógas nos pés!... Olíria Alvarenga	No jardim florido descaisa à sombra das folhas, uma taturana. Elen de Novais Felix
Num vai e vem lento, taturana, sob a folha, tece seu casulo.	Multidão eufórica dança atrás do trio elétrico. Carnaval de rua.	Levantando a crista o galo passa de lado... Taturana queima. Cecy Tupinambá Ulhôa
Maria Reginato Labruciano	Renata Paccolla	Cecy Tupinambá Ulhôa
Cores na avenida. Das sacadas, saltam olhos...	Carnaval de rua: numa cadeira de rodas o passista samba...	Nas ruas vazias alguns pierrôs desbotados pulam carnaval. Walma da Costa Barros
Analice Feitosa de Lima	Darly O. Barros	Walma da Costa Barros
Carnaval de rua, máscaras e fantasias. Alegria pura! Cecy Tupinambá Ulhôa	no cimento da calçada. Sol do meio-dia. Manoel F. Menendez	bocas-de-leão abrindo nas mãos das crianças. Alba Christina
Cecy Tupinambá Ulhôa	Manoel F. Menendez	Alba Christina
Dedinho inocente Recomeça o ciclo: banquete de taturanas nas verdes palmeiras...	Boca-de-leão, um tapete colorido. Dá gosto olhar.	Renascendo alegre carnaval de rua explode avivando os ânimos. Alba Christina
Darly O. Barros	Cecy Tupinambá Ulhôa	Alba Christina
Garoto curioso põe a mão na taturana. Dedinho queimado.	Cai a taturana folião segue o trio-elétrico – carnaval de rua.	Bocas-de-leão ornam o saguão do hotel e o jardim em volta... Darly O. Barros
Darly O. Barros	Amália Marie G. Bornheim	Amália Marie G. Bornheim
não arranca a flor aberta... Boca-de-leão.	Sem luxo nem brilho Flores delicadas, vestindo o jardim de céu... Boca-de-leão.	Elen de Novais Felix
Anita Thomaz Folmann	Maria Reginato Labruciano	Elen de Novais Felix
Passa a primavera. – Boca-de-leão insiste em permanecer...	O inseto se afasta da taturana urticante que, ao sol, lagarteia...	Explode a folia, com marchas e samba no pé!... Carnaval de rua!
Maria Madalena Ferreira	Amália Marie G. Bornheim	Amália Marie G. Bornheim
Carnaval de rua dos meus tempos de menino... – Saudade nos olhos.	Feia taturana... A vida em metamorfose. – Linda borboleta!	Ao som da marchainha, desfila o bloco imponente... Carnaval de rua.
Humberto Del Maestro	Maria Madalena Ferreira	Elen de Novais Felix
Criança com medo foliões estão cantando. Carnaval de rua. João Batista Serra	O alto volume do som me agride os ouvidos. Olíria Alvarenga	Nas folhas novas da planta um pedacão a menos. Alba Christina
João Batista Serra	Olíria Alvarenga	Alba Christina

A PÍULA DO BEIJO

Lelé Amaral (José Carlos do Amaral), em O Beijo – Antologias, 1998:  
Casa do Novo Autor, Fone 0.11 6914-2723, Rua Vieira de Almeida 461, Sala 14, Ipiranga, CEP 04268-040 – São Paulo, SP; casadonovoautor@uol.com.br

Nhõ Chico foi visitar seu compadre Seo Bento, pois já fazia tempo que eles não se viam. Como sempre, foi bem recebido tanto pelo compadre como pela comadre.

Após os cumprimentos formais da chegada, nhõ Chico começou a falar das novidades que trazia e a ouvir as notícias do lugar e da família do compadre. Quando o compadre perguntou-lhe sobre a sua saúde, Chico não se fez de rogado. O visitante falou a respeito de sua fraqueza e das reclamações de sua mulher, falou também das *piulas do beijo* que seu médico lhe receitara.

Falou com tanto entusiasmo que atçou a curiosidade de sua comadre que logo quis saber sobre as tais piulas.

– Não, meu compadre, continue. Estou gostando muito da estória e principalmente como você conta o caso.

Nhõ Chico assim falou a respeito do milagroso remédio:

– Comadre, eu estava sentindo muita fraqueza nas pernas e a minha Raimunda começou a reclamar da falta de meus beijos que tinham cessado, diante disso fui ao médico fazer uma consulta. Depois do doutor me examinar, ele me receitou

umas piulas, dizendo que as tais eram muito boas e que resolviam o meu problema. O doutor disse ainda que tomando uma piula é um beijo e tomando duas é dois.

A comadre não entendeu bem o falar do Chico e perguntou-lhe:

– Compadre, que estória é essa de tomar uma e uma, tomar duas é duas?

Nhõ Chico, não querendo entrar no mérito da questão, saiu pela tangente dizendo:

– O doutor me garantiu que tomando uma piula é pimba e tomando duas piulas é pimba-pimba.

A comadre pensou um pouco e chegou à conclusão de que a palavra *pimba* era a chave da questão, e assim voltou à carga dizendo:

– Compadre, o que é este negócio de pimba?

Nhõ Chico pensou, pensou, e saiu com esta:

– Comadre, depois que se toma a piula do beijo a gente cai na cama e pimba, a gente fica leveinho, dorme e no dia seguinte acorda feliz e a muíde da gente mais feliz que nós. Por isso eu digo, comadre, tomando a *piula do beijo*, uma ou duas, é pimba e cata-pimba.

– Cata pimba? exclama a comadre assustada e completa: – Louvado seja – Virge.

U M V E L H O C O S T U M E A M E R I C A N O

Joyce Higman, em Ellery Queen – Mstério Magazine; Volume 1 (Nova Fase) nº 3, 7701

Abri a porta e vi dois homens descabelados na minha frente. Um deles era o Presidente dos Estados Unidos.

– Precisamos de ajuda – arquejou. – Eles estão atrás de nós.

O outro homem empurrou o Presidente para dentro e fechou a porta com o pé.

– Tranque, madame – ordenou. Ele estava armado. Tranquei a porta.

O homem deu uma volta rápida pela casa com a arma na mão, olhando dentro de todos os quartos e armários.

Eu e o Presidente ficamos em pé no *hall* de entrada por alguns embaraçosos momentos. Depois me lembrei de minhas boas maneiras.

– Não quer sentar? – perguntei.

O outro homem, agora certo de que eu estava sozinha na casa, entrou na sala logo depois de nós.

– Este é Bob Andrews – disse o Presidente, e sentou-se. O trabalho dele é me proteger. Portanto, desculpe se parece um pouco abrupto... sua tarefa é de muita responsabilidade.

– Não se preocupe – respondi. – Eu entendo. Posso perguntar o que aconteceu?

– Nós estávamos no avião – disse o Presidente – a caminho de Kansas City, onde eu tinha que falar na Convenção. Mas o piloto foi informado de que poderia haver um atentado contra minha vida. Ele imediatamente

alterou os planos e decidiu pousar numa pista mais distante. Haveria um carro à nossa espera.

– Saímos do avião. Fui cercado por agentes do Serviço Secreto. De repente, todos eles, menos o Bob aqui, correram para o aparelho, entraram e fecharam a porta. Bob me empurrou para o chão. Os tiros pareciam vir de todos os lados. Rolamos para baixo do avião e depois começamos a correr. Corremos até que avistamos a sua fazenda, madame. O resto a senhora já sabe. Agora temos que resolver o que vamos fazer.

– O senhor não poderia telefonar para alguém? – perguntei.

– Não antes de sabermos quem está por trás disso tudo – respondeu ele. E acrescentou, quase que para si mesmo: – Assassinato. É um velho costume americano. Mas nunca pensei que meus próprios agentes...

Bob Andrews interrompeu: – A senhora tem algum lugar onde o Presidente possa se lavar?

– É claro – respondi. – Desculpe não ter pensado nisso.

Mostrei ao Presidente onde era tudo e apontei para o quarto de hóspedes. – Se o senhor quiser se deitar um pouco...

– Muito obrigado – disse ele. – Estou acordado desde cedo. Acho que um descanso vai bem depois de toda essa correria.

Assim que ouvimos o barulho da água

correndo no banheiro, Bob saltou do sofá, levantando-me do chão e girou comigo pelo quarto.

– Você esteve ótima, mãe! A medida exata de incerteza. Você devia ter sido atriz!

– E você acha que eu teria vivido todos esses anos com seu pai se não fosse uma atriz? – perguntei. – Aliás eu estava pensando nele o dia inteiro. Você sabe o que ele achava dessas coisas.

– Papai viveu numa época diferente – disse Bob. – No mundo de hoje as pessoas precisam de coisas assim de vez em quando.

– Bom, não sei bem se gosto de tomar parte nisso. Pobre homem, deve estar tão assustado.

– Eu não queria envolver você – disse Bob. – É que quando começamos a elaborar o plano lembrei que sua fazenda ficava perto do aeroporto. Eles disseram que isso era perfeito. E não aceitaram um não como resposta.

Bob foi até a janela. – Nem sinal deles ainda. Mas, também, um exercito inteiro poderia se esconder atrás daquele celeiro.

Pus o café no fogo e preparei sanduíches e uma salada, de acordo com as instruções de Bob.

– Não é bem a comida da Casa Branca – falei.

– Está ótimo. Pareceria suspeito se você servisse algo mais elaborado. Afinal, estamos chegando de surpresa.

Mais ou menos uma hora depois o Presidente entrou na cozinha parecendo bem mais descansado.

– Tudo quieto – disse Bob. – Nenhum movimento.

– Bom – disse o Presidente, sentando-se. Eu servi a comida.

– Qual é sua rotina normal? – perguntou-me Bob no seu melhor tom de agente do Serviço Secreto.

– Eu agora estaria cuidando da casa.

– Então é melhor fazer o mesmo hoje também, para o caso de haver alguém nos vigiando.

– Está certo – respondi com uma piscada furtiva.

Sai da casa e fui até o celeiro. Bati três vezes na porta de trás, o sinal combinado, e sorri quando ouvi o som de passos andando em direção da porta da casa, que eu já havia deixado destrancada.

Não voltei a tempo de ver a expressão do Presidente quando toda aquela gente, carregando pacotes, entrou na casa gritando. Mas também não perdi muita coisa. Eu diria que aquela foi a festa-surpresa mais surpreendente que alguém poderia imaginar.

Mas o Presidente não se impressionou. Demituiu todos eles, ali mesmo, na minha cozinha. Afinal, a turma havia exagerado.